

MARIA ALEE E O ARTESÃO DE ROBÔS



Autora best-seller Amazon

ANNA ANDRADE

MARIA ALEE
E ARTESÃO
DE ROBÔS

Autora best-seller Amazon

ANNA ANDRADE



Maria Alee, uma jovem moradora de Kinxeramobim, por viver um casamento arranjado, estava longe de ser feliz. Em uma noite, quando foi se banhar em um dos açudes da cidade, conheceu Ravi Baek, um artesão de robôs que tinha um passado misterioso. A faísca do romance seria ainda maior entre eles, se não tivessem que lidar com Miguel, o marido dela.

Além disso, havia algo errado com a fábrica de robôs do falecido pai da garota. A administração comandada pelo marido não só parecia equivocada, mas também questionável.

Enquanto Maria Alee lutava para desvendar os segredos da empresa e se libertar do casamento infeliz, ela se via cada vez mais envolvida com Ravi. Mas o preço da paixão poderia ser alto, especialmente quando envolvia a ganância e a obsessão de outros.

Venha desfrutar deste cenário que mescla elementos coreanos, cearenses e de Steampunk, em que Anna Andrade tece uma trama envolvente de ficção científica que desafia convenções sociais e intriga os corações dos leitores.



Aponte a câmera para o QR Code e confira a playlist no Spotify.



*Para todas as pessoas que já (sobre)viveram ou (sobre)vivem um
relacionamento tóxico.*



PRÓLOGO

“Mais um dia por um fio
O silêncio ganha voz
Tudo em volta leva um pouco mais de nós.”
Por um fio de Sulamericana

Às vezes, Maria Alee apenas gostaria de fugir de casa, ainda mais quando se deparava com noites agitadas como aquela. Era a terceira vez no dia que escutava as palavras rudes de seu marido, Miguel Cho, que parecia fazer questão de manter o tom alto da briga para alertar os funcionários da casa quem era que mandava.

Forçou um sorriso, desviando o olhar dele. Ainda vestia os trajes da tarde, quando saiu para caminhar. Queria trocar de roupa, colocar algo mais leve, afinal, já era para estar na cama, se não fosse todo o alvoroço criado por Miguel.

Era mais um dia em sua vida.

— Não pedi muito — reforçou o marido, enquanto caminhava pelo antigo escritório do seu Lee, pai da garota. — Cinquenta e cinco mil jenos seriam o suficiente para reinvestir

na empresa. Pense em quantas máquinas a vapor poderemos importar da Europa com essa quantia? Também pagaria os custos de transporte e a contratação de mão de obra qualificada.

— Temos que pensar no nosso povo. — Maria Alee estava em pé, fitando-o na cadeira em que há três meses seu pai tomava decisões importantes como aquela.

— Nem temos uma faculdade em Kinxeramobim! — Miguel empurrou um bloco de papéis sobre a mesa, derrubando uma porção no chão. — O curso de robótica está ultrapassado, precisamos de gente nova. É a ideia base, depois que o pessoal daqui aprender, podemos demiti-los, ou fazer o que você quiser.

— Seria horrível tirar uma pessoa do seu país para fingir que vamos contratá-la por meses e depois a largarmos.

— Bem-vinda à realidade, minha cara esposa. — Ele fez uma breve reverência com a cabeça.

A porta se abriu, interrompendo a discussão. Um pequeno robô entrou sem fazer nenhum barulho alarmante, embora saísse fumaça de sua cabeça. Carregou a bandeja com duas xícaras de chá até a escrivaninha à frente de Miguel. Com os pés de gancho, escalou as gavetas e deixou tudo arrumado sobre a mesa de madeira antes de partir.

Maria Alee tentou agradecer-lhe, mas o monólogo do marido apenas se alongava. Miguel sempre deu pouca importância às máquinas, ou melhor, a qualquer pessoa da casa. Notava-se, pela forma como se comportou depois da morte do seu Lee. Ela nunca imaginou que seu único pretendente, que a cortejou por meses, se tornasse tão rude com o matrimônio.

A história teria sido outra se a família Lee não tivesse sido enganada.

— Está me escutando? — gritou Miguel, batendo na mesa e fazendo as xícaras se agitarem nos pires.

— Sim. — Ela abaixou a cabeça, e sentiu uma dor no peito começar a incomodá-la.
— Conversarei com o contador amanhã, não quero pegar dinheiro do fundo de recursos sem pensar bem no que deveríamos fazer.

— Seria possível você confiar em mim pelo menos uma vez? — Levantou-se e colocou as duas mãos apoiadas na mesa.

O olhar compenetrado se fixou em Maria Alee. Era uma mistura clara de raiva e de frustração. Miguel dependia dela para tirar grandes quantias do banco, mesmo sendo o administrador da fábrica de robôs. Estava amarrado a uma vida com uma mulher que não gostava. Suportar tamanha tristeza tinha seus limites, e Maria Alee sabia que logo ele tocaria no mesmo ponto de sempre.

— Eu abandonei a minha vida para cuidar de você. — As palavras eram um tapa que ela se acostumou a tomar. — Minha carreira como pintor estava no auge quando te conheci. Sabe bem que eu tinha clientes até na capital. Teria ido longe se tivesse aceitado o convite para trabalhar no sul. Quem sabe seria eu que estaria pintando o quadro do presidente na semana passada.

Apesar de ele comentar com frequência do convite, Maria Alee não tinha ideia se era verdade. O marido tinha talento para a pintura, embora fosse teimoso demais para querer aprender técnicas. Se alguém o questionasse sobre arte, ele responderia que era autodidata.

Não seria a primeira vez que Miguel argumentava com situações sem provas. Como veio de Pecheon, pouco se conhecia sobre o passado dele.

— Estou cansada desta conversa, chega por hoje. — Ela pegou a xícara de chá e tomou um gole, sua boca tinha secado de tanto falar.

A resposta o irritou. Miguel, percebendo que ela fazia menção de sair do cômodo, puxou-a pelo braço. Maria Alee deu um grito, assustada pelo movimento, soltando a xícara. Por sorte, o chá não estava quente o bastante para queimá-la. O susto, por outro lado, foi apenas um detalhe. A bebida quente manchou a parte de cima da roupa dela, e escureceu três tons o tecido de seda rosa. O resquício do líquido amarelado também molhou o tapete.

Ela chamou alto por ajuda, tinha que limpá-lo antes que ficasse permanente. Não que ela soubesse se ficaria, mas temeu que o tapete deixasse de ser o mesmo de quando era mais nova. Tinha registros de brincar nele enquanto seu pai trabalhava, lembranças que se apegou.

O Sr. Ho, fiel governante da casa, correu para dentro do escritório com a roupa amarrotada. O rosto inchado provava que ele fora acordado. Maria Alee foi tentar resolver o conflito da mancha, nem notando que Miguel sumira do cômodo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, quando se ajoelhou no tapete ao lado do Sr. Ho. A situação entre ela e o marido não estava fácil, parecia que as brigas aumentavam a cada semana.

Até onde iriam?

— Por que chora, senhora? O chá não vai danificar o tecido, pode ter certeza. O material é de boa qualidade, nada que um bom serviço de lavagem não resolva. — Ele apontou para o pequeno robô, que voltou com um balde e um pano. — Vamos limpar tudo agora, e amanhã estará sem cheiro.

— E-eu fiquei com medo... — Maria Alee se levantou, abraçando-se com a ideia de que algo feliz do seu passado seria apagado.

— Não fique, a casa está impecável. Estamos fazendo um bom trabalho.

— Desculpe por chamá-lo a esta hora da noite. Não tinha intenção de atrapalhar o seu sono. Me desesperei quando o chá caiu, e temi que...

— Acalme-se, não sou a Srta. Sang. Ela sim teria ficado chateada se tivesse acordado. — Ele riu, ressaltando algumas rugas no canto dos olhos. — Uma vez que se levanta, não consegue dormir de novo. Eu não a entendo bem, deve ser característica de jovem dessa geração.

— Pare com isso, Sr. Ho. Nós dois não temos mais do que dez anos de diferença. — Maria Alee enxugou, com as mãos, as bochechas molhadas.

— Tem razão. — Ele indicou a mancha no *jeogori* dela, a parte de cima da roupa, que cobria os braços e funcionava como uma jaqueta fechada por uma fita. — Estou terminando aqui. Por que não toma um banho relaxante e vai dormir? Amanhã será um dia e tanto.

— Sim, é verdade. Vou tentar me encontrar com a contadora Pong. — Maria Alee se referiu a questão do dinheiro.

— Pode deixar que eu entro em contato com ela, vai ser um prazer tê-la aqui no almoço.

— Tem razão, Pong sempre elogia a comida. — Maria Alee soltou um suspiro. — Então, vou logo me banhar, Sr. Ho, antes que fique mais tarde. Não fale nada para Miguel, seria mais um motivo de briga.

Ele assentiu, terminando de esfregar o tapete. O robô lhe fez companhia e aguardou o próximo comando. Maria Alee hesitou em deixar o escritório, mas o Sr. Ho tinha razão, seria perigoso adiar o banho.

Havia banheiros eficientes na casa com saneamento básico de qualidade, mesmo assim ela se habituou a desfrutar do açude mais próximo. Tornou-se um momento para relaxar e fazer exercícios, o segundo sendo um resquício do tratamento do acidente sofrido nos últimos meses.

Era ideal que a água não estivesse tão gelada, ainda que inexistisse a possibilidade de ela ter uma hipotermia em um lugar como aquele. A temperatura da tarde permaneceu quente, e a garota tinha suado indo de um canto a outro da cidade para conferir as promoções na floricultura. Por mais que Kinxeramobim não fosse grande, Maria Alee optou por ir a pé em vez de ter usado o automóvel.

Diferentemente do marido, ela não conseguia dormir sem se banhar. Como o açude era perto, bastariam algumas passadas para chegar às águas refrescantes. Tratou de fazer silêncio, quando abriu a porta da frente com uma camisola limpa na mão, assim como atravessou o jardim.

Decorou o trajeto depois de repeti-lo desde criança; até mesmo a grama estava marcada para onde iria. Não precisou de luz alguma, seria mais um objeto para segurar. A roupa usada era cheia de camadas, e se aproximar de uma lamparina não seria muito seguro.

Conseguiu escutar bem o som das águas, o vento batendo nas folhas e os pequenos galhos se quebrando com as pisadas dela. Em cinco minutos, chegou a um sutil declínio que levava à margem do açude.

Tirou os sapatos, o *jeogori*, a saia, ficando apenas de anágua e camisa de linho. Não demorou para entrar, sem receio do impacto direto com a água fria. Maria Alee era imune a ela por ter se acostumado, e nadava com maestria para o fundo. Seus pés e braços se mexiam em sintonia, dando-lhe velocidade.

A luz da noite se resumiu à lua, que clareou a visão dela. De fato, nem se esforçou para ver o que estava ao seu redor, no fim, conhecia cada canto do lugar. A confiança falou mais alto, embora a tivesse abandonado quando um distinto chamado a paralisou.

— Quem está aí?

Ela não reconheceu a voz, estranhando que havia alguém por ali. Nadou de volta para a margem, mas a pessoa não se contentou em ser ignorada. Apareceu repentinamente assim que ela saiu.

— Quem é você? — perguntou a voz masculina outra vez, agora bem perto dela.

Era um homem alto, de ombros largos, e embora Maria Alee não conseguisse ver suas vestimentas pormenores, tinha certeza de que não estavam molhadas. Não se escutava o som de pingos, como as gotas que caíram dela nas folhas do chão.

— Eu que pergunto quem é você. — Ela recuou de volta para o açude, atenta se a pessoa era ou não uma ameaça.

— Senhorita, não precisa ter medo de mim. — Balançou as mãos, dando dois passos para trás. — E... eu não quero parecer seu pai, mas vai pegar alguma doença se ficar mais tempo nessa água gelada.

— Ainda bem, porque seria assustador se meu pai aparecesse à noite no meio do mato. — Ela saiu da água, torcendo o cabelo longo.

— Ele já se foi?

— Há três meses.

— Sinto muito.

— Não sinta, em vez disso, me diga seu nome. — Maria Alee indicou com a mão para ele se virar.

Pela luz da lua, conseguiu ver o sorriso dele e os detalhes do belo rosto. Os olhos angulares e os lábios chamaram a atenção dela, que quase esqueceu que vestia apenas uma anágua e uma camisa, ambas encharcadas, marcando suas curvas e pele negra.

— Me chamo Ravi — apresentou-se, ao ficar de costas. — Por que quer tanto saber o meu nome? É só um nome.

— Nunca é só um nome, ainda mais quando se vive em Kinxeramobim.

Ela se apressou em se vestir, agora cautelosa para não se expor ainda mais para um estranho.

— Vive aqui há muito tempo?

— Minha vida inteira.

— E você, senhorita...

Maria Alee riu.

— Sr. Ravi, sinto informá-lo que esta noite o senhor já viu muito. Para sermos justos, é melhor encerrarmos a conversa por aqui. — Ela calçou o último sapato, erguendo-se para sair.

— É uma pena, achei que ao menos saberia o seu nome.

— Boa noite, senhor Ravi. Foi um prazer te conhecer.

Ela andou na direção da trilha, mas pôde escutá-lo dizer: “o prazer foi todo meu”.